

A MASCULINIDADE NA PSICOTERAPIA: O SOFRIMENTO DO SER HOMEM NA CLÍNICA PSICODRAMÁTICA

Fellipe Sousa da Silva ¹ - fellipesousapsi@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta um relato clínico sobre um processo de psicoterapia – *on-line* conduzido via perspectiva psicodramática de Jacob Levy Moreno. Utilizou-se de técnicas psicodramáticas como a inversão de papéis, o solilóquio a fim de trabalhar questões apresentadas pelo paciente atendido: certo nível de sofrimento percebido diante da sua vivência de masculinidade. Tem como objetivo compreender a vivência de sofrimento de um sujeito diante da sua masculinidade por meio de um processo de psicoterapia conduzido via clínica psicodramática. O trabalho mostra a possibilidade de atuação clínica diante das questões do homem e do masculino na contemporaneidade. É possível dispor de um ambiente acolhedor para que, surgindo na díade paciente terapeuta, o sofrimento com a masculinidade emergja como fenômeno de trabalho psicoterapêutico.

Palavras-chave: *Masculino. Masculinidade. Psicodrama. Psicoterapia.*

INTRODUÇÃO

O sofrimento do homem contemporâneo mantém relação com a tentativa de cumprir padrões e expectativas do ideal de masculinidade imposto, como forma de pertencimento ao ser masculino. Isto demanda ao sujeito o cumprimento de determinados comportamentos, seguidos e estimulados, como o cumprimento da função do homem na sociedade. Entretanto, os rótulos e as condutas esperadas do homem e atribuídos à dimensão do “masculino” mantém relação com uma estrutura de poder constituída historicamente, e mantém um discurso de dominação sobre a mulher e sobre o “feminino”. Assim, o discurso considerado machista e sexista mostra-se inflexível e não se permite ser questionado, o que torna possível uma estrutura de adoecimento no próprio sujeito homem, ao achar que deve seguir essa “identidade masculina” (Nigro e Baracat, 2018).

¹ Psicólogo, aluno nível I – pelo Instituto de Psicodrama e Máscaras, Fortaleza-CE;

Ao pensar sobre identidade, Beauvoir (2009) destaca três pontos de vista que tentam explicar a relação entre o masculino e o feminino na sociedade. Pelo ponto de vista da biologia, pode-se compreender que algumas espécies possuem o fato da agressividade e do domínio sexual do macho; do ponto de vista psicanalítico, o falo se mostra como uma espécie de orgulho que o menino deve ter de si mesmo. Do ponto de vista do materialismo histórico, destaca-se a relação entre homem e mulher como influência do fator econômico. Esses pontos de vista não explicam o fato da dominação como um todo, nem justificam porque o homem é tido como superior e a mulher como um “outro”.

A dominação que se espera por parte do homem e que foi construída socialmente, influencia não só o fato de que o homem precisa ser o provedor, mas também as questões relacionadas à sua sexualidade, como por exemplo, um homem que rejeita ou não tem vontade de satisfazer a parceira quando esta estiver disposta a ter relações sexuais. Esse homem terá sua masculinidade questionada, pois espera-se que o homem esteja sempre pronto para satisfazer sexualmente a uma mulher (Bustos, 2003).

É pensando nas questões que permeiam essa necessidade de satisfação sexual como um lugar iminentemente masculino, e na conduta esperada nos vínculos que o sujeito homem mantém, o que Nery (2003) destaca que os vínculos são constituídos pelas necessidades e desejos que precisam ser supridos. Sendo assim, esses fenômenos são elucidados como uma forma do sujeito homem se sentir aceito, de poder demonstrar o que sente, de ser acolhido, respeitado, podendo assim ter a possibilidade de exercer seu papel da forma mais saudável possível.

Por se esperar que o homem possua características de alguém que não tenha vulnerabilidades, isso mostra a dificuldade, muitas vezes, de possuir vínculos em que ele possa ser sincero e demonstrar suas fraquezas. O que muitas vezes faz com que o

próprio homem anule o que sente, como forma de demonstrar ser forte. Ao mesmo tempo que essa visão do ser homem é um dos principais fatores de adoecimento masculino que aparece na clínica (Bustos, 2003).

A socionomia, ciência que visa estudar as relações sociais, que é mais comumente conhecida através do psicodrama, foi desenvolvida e criada por Jacob Levy Moreno (1975). Para este campo de investigação clínica, o homem se desenvolve e atua na sociedade por meio de papéis, ou seja, os papéis são as formas com que o homem se identifica através da sua atuação com os outros na sociedade. É a partir dessa interação que o homem exerce sua capacidade de ser espontâneo e criativo, sendo essa sua capacidade de reagir ao que acontece consigo mesmo, podendo assim dar novas respostas a situações que aconteceram ou até mesmo ao que lhe vai acontecer (Moreno, 1975).

A espontaneidade pode assim ser trabalhada no ambiente psicoterápico, o que Fonseca (2010) chamou de psicoterapia da relação. Nesse contexto, há possibilidade de se trabalhar a relação do homem consigo mesmo, com o outro e até mesmo na díade paciente-terapeuta. Essa relação está pautada em traços da sua identidade, sendo elas positivas e negativas e, nesse contexto, pode-se potencializar atitudes e pensamentos do paciente, para que venha a lidar melhor com as possíveis respostas a serem dadas em suas relações.

A discussão aqui posta é sobre a prática clínica psicoterápica em um estágio em psicologia, tomando como referência a teoria psicodramática sobre a condição humana. O trabalho teve como objetivo a atuação clínica na condução de um caso onde o sujeito apresentou dificuldades com o seu papel de homem e com a sua vivência da dimensão da masculinidade. Trata-se de um caso de vivência de sofrimento nas suas relações a partir da inabilidade de reconhecimento de si, certa inabilidade do reconhecimento de

vivências do lugar de homem e do masculino.

METODOLOGIA

O trabalho parte de um relato de caso clínico conduzido por psicoterapia *on line*. A condução se deu a partir da perspectiva psicodramática, pautada na psicoterapia da relação, termo cunhado por Fonseca (2010). Para o autor, através da prática clínica é possível trabalhar a díade paciente-terapeuta, com as questões internas que são trazidas, bem como a multiplicidade das relações em que estão inseridos aqueles que buscam pelo processo psicoterápico. A psicoterapia da relação tem como fundamentação filosófica a questão da atitude fenomenológica, assim como a psicologia relacional em que vê o homem baseado nas suas relações e a psicologia da consciência em que foca em um determinado momento da vida, sendo aquilo que está emergente e é trazido pelo paciente (Fonseca, 2010).

O relato clínico aqui proposto, portanto, é construído a partir da condução de um processo de psicoterapia pautado no psicodrama, utilizando assim de intervenções e técnicas que viabilizam a dramatização e o contato com o papel do homem e do masculino identificado pelo paciente. No psicodrama as sessões são conduzidas através de cenas, em que se tem o princípio do aqui-e-agora, da presentificação do que é trazido pelo paciente, se utilizando assim de técnicas psicodramáticas que visam o trabalho dos papéis e das relações do indivíduo (Fonseca, 2010).

Dentre as principais técnicas que foram utilizadas para a condução clínica do caso referido no ambiente virtual, estão: a técnica da inversão de papéis, do solilóquio e outras. Na inversão de papéis, há uma representação e apresentação do outro como o paciente o percebe, sendo assim uma forma de mostrar o outro a partir do que sabe sobre este. A técnica do solilóquio, consiste em permitir que os pensamentos ocultos venham

à tona através da fala, como uma forma de permitir que se expresse e pense alto (Monteiro, 1998).

O processo psicoterápico aconteceu em uma clínica escola situada na cidade de Fortaleza/CE, vinculado ao Núcleo Integrado de Saúde (NIS) do Centro Universitário UniFanor. As sessões de atendimento iniciaram através de um plantão psicológico *on-line*, e após quatro sessões e percebendo a necessidade continuidade para um processo mais duradouro, houve a formalização para que o processo psicoterápico fosse continuado. Foram realizadas quatro sessões do plantão psicológico com duração média de duas horas de atendimento e quinze sessões no formato de psicoterapia, com duração média de sessenta minutos por sessão no período de maio de 2021 a outubro de 2021.

Por se tratar de uma clínica escola e por ter o objetivo de cunho acadêmico, destaca-se que o presente cliente que é citado no estudo de caso assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, em que, conforme Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, autoriza assim a utilização do conteúdo dos atendimentos para que possam ser utilizados com a finalidade de pesquisas e publicações, ressaltando as regras de sigilo para com o indivíduo (Ministério da saúde, 2012).

Para respeitar o sigilo do paciente, utilizou-se o codinome Marcos.

RELATO DE CASO

Marcos tem 24 anos, é solteiro e estudante de engenharia. Teve seu primeiro contato com o processo psicoterápico quando tinha 17 anos, em que teve que passar por uma cirurgia, porém, destaca que foi algo muito pontual e que na época não adentrava em questões como as que pensava em trabalhar no atual processo psicoterápico.

Se inscreveu no programa de plantão psicológico e trouxe como principal queixa o término de um relacionamento, situação na qual lidou com vivências de angústia,

difficuldade para dormir, pesadelos e até mesmo impacto nas suas demais relações. Além da queixa inicial que foi trazida com mais relevância, também trouxe queixas relacionadas à perda de amigos e familiares, depressão, diagnóstico que relatou ter desde 2014, e o agravo que a pandemia estava fazendo no distanciamento das suas relações.

Desde o primeiro contato com Marcos, percebeu-se uma grande necessidade de fala, como se de fato ali fosse o primeiro ambiente no qual ele se sentia autorizado a trazer algumas questões que o incomodavam e que não sabia o que fazer com elas. Havia a necessidade de acolhimento do paciente, e por isso, as primeiras sessões duraram em média 1 hora e 30 minutos. Essa foi a forma que o psicoterapeuta elegeu para gerar um espaço de acolhimento e de confiança, ou seja, permitir alguns minutos a mais para a sessão, o que não é usual, foi uma forma de cuidar da vinculação que se iniciava entre terapeuta e paciente.

No cenário clínico, a multiplicidade de papéis tem livre expressão. Papéis como os da profissão, papéis sociais, afetivos, sexuais, etc. Moreno (1975) conceitua o papel como um conjunto de características específicas que dão forma à ação e possibilitam lidar com os eventos do mundo.

Um papel não se apresenta sozinho, em verdade, se manifesta como uma ramificação, que delimita a forma que existimos em sociedade – a isto é dado o nome de *cluster*. Segundo Amato (2001), como um “cacho”, os papéis se interligam, complementando-se, tendo como base as relações nucleares e/ou familiares. O primeiro *cluster* é responsável por tornar o ambiente acolhedor, ensinar sobre dependência, segurança, intimidade e acolhimento (Bustos, 1990). O que mostra que para início de processo psicoterápico, acolher alguém que, desde o início, demonstrou não ter ambiente seguro para que pudesse falar, é uma boa forma para que o processo psicoterápico possa ter sua continuidade.

Ao ser questionado sobre qual assunto mais emergente e que mais o incomodava, Marcos logo trouxe a questão do término de um relacionamento que o estava fazendo perder noites de sono. Passados três meses do término deste relacionamento que tinha grande significado para o paciente; o motivo inicial era o fato dela ser seu primeiro relacionamento sério e que ele de fato estava apaixonado por ela. Mais tarde o real motivo apareceu na sessão, e se dava pelo fato dela ser a primeira mulher com quem ele teve relações sexuais e, que só agora, depois dele ter tido esse contato sexual, que ele de fato se considerava homem.

A pressão que se estabelece no homem, como aquele que é ativo e que tem sua virilidade como ápice da comprovação do “masculino”, está também relacionada ao próprio medo que o homem tem de ser considerado alguém que não consegue cumprir os padrões estabelecidos. Essa compreensão de “superioridade” do homem é provada historicamente pela ideia de que o homem só é homem quando domina uma mulher. Um dos maiores medos dos homens aos serem presos, está relacionado ao fato de serem tratados “como mulheres”, na possibilidade de outros homens os dominarem, o que comprova o quanto o machismo estabelece uma posição de tornar tudo o que é relacionado ao ser mulher como inferior (Nigro e Baracat, 2018).

Para o paciente, a iniciação da vida sexual ativa trouxe proveitos que até então estavam encobertos, como por exemplo o fato de só agora ele conseguir estar numa roda de amigos que conversavam sobre mulheres com quem ficavam ou estavam tendo relações sexuais, e que agora ele tinha assunto para falar com eles. Gabava-se pelo fato de durar mais de duas horas na cama com uma mulher sem chegar ao ápice, e assim podendo satisfazê-la. Porém, no processo de psicoterapia o paciente referia que havia algo que parecia estar errado, pois não conseguia ter o orgasmo com ela, o que ele chamou de “ejaculação retardada” e que logo fez relação com o fato dele consumir muita

pornografia.

Marcos começou a enxergar a pornografia como algo ruim e que o atrapalhava e, com isso, tomou a decisão de procurar um grupo de autoajuda *on-line*, que tinha o intuito de ajudar as pessoas que tinham algum tipo de vício e que queriam se libertar desse vício. Foi questionado se era assim que ele se via, como um viciado e ele prontamente disse que sim, um viciado em masturbação e pornografia. Como proposta para elucidar os sentimentos narrados, utilizou-se da técnica do psicodrama interno. O psicodrama interno visa propor um momento de relaxamento, a fim de que o outro possa focalizar em seu corpo e no seu momento agora, porém visualizando a questão que será trabalhada de forma simbólica, em que é possível trazer cenas, pessoas e momentos para que o paciente possa ter contato com essas questões em um ambiente seguro e acolhedor (Cukier, 2018). Foi pedido para que Marcos voltasse ao momento que ele teve com a ex-namorada, quando ele percebeu que não conseguia ejacular, em um psicodrama interno, onde foi perguntado o que vinha em sua cabeça nesse momento. Após alguns minutos de silêncio, Marcos percebeu que ele não se encontrava ali presente, é como se mesmo ele estando lá, ele começava a lembrar das coisas da faculdade que tinha pra fazer, das dívidas e até mesmo do que ele leu sobre sexo. Ele pesquisou e leu sobre como era fazer sexo para que pudesse parecer que não era inexperiente no momento do ato.

O término do relacionamento trouxe junto o distanciamento, a baixa autoestima, pensamentos de que falhou em algo como homem e até mesmo uma certa desconfiança, pensando que não conseguirá se envolver novamente com outras pessoas. Chegou à conclusão sozinho de que ela tinha terminado com ele porque ele não era maduro pra ela. Ao ser questionado o que era maturidade para ele, o mesmo informou que maturidade era ter um emprego, estar ganhando dinheiro, ser independente, poder

proporcionar algo de futuro para ela e que ele dizia que não era assim, na verdade sempre foi conhecido como o “filhinho da mamãe” pelos colegas de escola e da faculdade, pelo fato da mãe dele ser muito presente e até mesmo resolver muitas das coisas com ele, ainda hoje.

Foi questionado sobre como seria um homem maduro e que características ele precisar ter. Ao ser perguntado sobre isso, Marcos trouxe questões como ter terminado a faculdade, ser mais velho, ter um bom emprego e ganhar mais dinheiro. Essas eram atribuições do ex-namorado de sua ex-namorada e ele estava se comparando com ele; a única coisa que ele se dizia ser melhor que ele era o fato de ele não ser “ligeirinho” na cama, ou seja, não tinha ejaculação precoce.

A relação que ele teve com ela chegou ao ápice do envolvimento quando ele se viu sendo sincero a ponto de conversar sobre as vontades que ele tinha no momento do ato sexual, como por exemplo, o fato dele ter vontade de dominá-la e de impor sua força. Ao perguntar o porquê de ele querer que fosse dessa forma, ele disse que se sentia mais homem dominando-a dessa forma, era a forma dele expressar e colocar sua masculinidade pra fora.

Na perspectiva da biologia, o homem é esse ser que por meio da atividade sexual se realiza, como uma espécie que o diferencia da mulher através do princípio ativo, sendo assim aquele que tem o comando de possuir, enquanto a mulher é possuída. O homem, aquele que tem total comando da situação, sendo até agressivo na forma de dominação, estando atribuído as características do que se espera do “ser macho” (Beauvoir, 2009).

Do homem é esperado a partir da sociedade que ele esteja sempre pronto para satisfazer a mulher e para isso, precisa impor todo o seu vigor. A capacidade de ser destemido, decidido, ousado, são características que se esperam do homem desde cedo.

Tanto que a possibilidade de demonstrar seus sentimentos ou até mesmo chorar, podem soar como inferioridade a ponto de ser motivo de gozações ou ser taxado como afeminado (Bustos, 2003).

Uma das coisas que sempre estava presente na fala de Marcos, é o fato dele se sentir inferior aos amigos por ter sido virgem até os 23 anos. Isso dificultava tanto a aproximação com os colegas, para que os outros não brincassem com essa questão e assim ele não se sentisse pior, já que o mesmo se cobrava muito.

Para que pudesse ser trabalhado as questões trazidas sobre demonstrações de sentimentos para com outras pessoas e como ele se sentia com isso, em um momento utilizamos o átomo social para que ele pudesse observar quem eram as pessoas próximas que ele poderia ser vulnerável. O átomo social consiste em fazer um círculo ao meio em uma folha de papel e, em seguida colocar o que Moreno (2020) chamou de núcleo interno, delimitando assim as pessoas com quem há algum tipo de vínculo concretizado. Com isso, ele percebeu a presença de um amigo que ele aos poucos foi conseguindo falar sobre suas dores, angústias e até mesmo com relação a não conseguir se satisfazer totalmente com a ex-namorada, e também dessa vontade de querer um sexo mais agressivo.

Ao conseguir expressar mais sobre essas questões, Marcos começou a perceber que a vontade que ele tinha de dominar a mulher na cama poderia estar associada ao fato dele consumir muita pornografia, esse era um assunto que sempre voltava durante as sessões. Certo dia, incomodado porque não conseguia passar muitos dias sem ver pornografia, questionou se o terapeuta não podia dizer pelo menos o que fazer com relação a isso, pois ele não aguentava mais. A partir dessa noção de escolha e do pedido que ele tinha para que o terapeuta respondesse o que fazer, foi sugerida então uma inversão de papéis, em que por alguns instantes Marcos se tornou o terapeuta e pôde

fazer algumas perguntas, mas afirmou logo de prontidão, no papel de terapeuta, que o problema da pornografia era com relação a que tipo de categoria era consumida. Ao ser questionado quais eram as categorias que pudesse trazer problemas, informou categorias de traição, estupro, incesto e também de sexo com mulheres trans. Pediu-se que ele saísse do papel do terapeuta e em seguida que ele comentasse quais eram as categorias que ele assistia. A inversão de papéis consiste em possibilitar uma experiência de ser o outro por alguns instantes, abrindo assim a possibilidade de ponto de vista, a partir do momento em que se imagina o que o outro responderia ou apresentaria (Monteiro, 1998). Pois foi exatamente o que foi questionado, a possibilidade de o terapeuta trazer a resposta para suas questões que traziam angústia em ter que escolher. Houve um longo período de silêncio, onde Marcos aparentava um pouco envergonhado e preocupado com o que acabava de entrar em contato. Foi feito um solilóquio, técnica utilizada ao pedir para que ele pudesse pensar alto, e alguns instantes depois, Marcos informou que todas essas eram categorias que ele consumia através de *hentai*, o que ele explicou ser como espécies de desenhos pornográficos. Ele estava bastante incomodado e disse que nunca pensou que falaria sobre isso ali, mas que pela primeira vez conseguiu expressar e falar sobre algo que o causava vergonha.

O “pensar alto” possibilita que se possa acessar aquilo que está escondido, uma forma de expor palavras, sensações e sentimentos; o solilóquio permite que o sujeito traga para o momento atual aquilo que está oculto, para que possa ter um encontro com esses pensamentos que vieram ao lidar com determinada situação (Moreno, 1975).

Ele sentia a necessidade de colocar um ponto final com relação a sua ex-namorada. Disse que tinha um livro que lembrava dela e que estava na sua casa. Determinada sessão, utilizando-se da possibilidade de treinar uma situação, teve um momento em que foi pedido para que Marcos fechasse os olhos e imaginasse que ela

estivesse ali e ele poderia entregar o livro simbolicamente para ela. Foi então que tomado de emoção, Marcos falou para o terapeuta, que por alguns instantes estava vendo e disse tudo o que queria dizer para ela, e para isso estava devolvendo o livro como forma de pôr um ponto final na relação. Alguns dias depois, Marcos compartilhou que tinha conseguido entregar de fato o livro para uma amiga dela.

É através da realização simbólica que Monteiro (1998) destaca a possibilidade de permitir que a pessoa possa encarar algumas situações e, de certa forma, tornar possível a realização de alguns processos que até antes eram complicados de ser vivenciados. Assim, na realização simbólica, a pessoa pode pensar alto sobre suas ações e sentimentos, permitir-se falar algo pro outro que não tinha coragem, ou até mesmo representar e pensar sobre o que esse outro diria, bem como observar de longe como ele tem reagido em determinada situação, o que torna um ambiente que possa ser aplicado as técnicas de solilóquio e inversão de papéis.

A partir da percepção de si mesmo e das suas relações, Marcos começou a entender que seu processo dependia de si mesmo, a ponto de que passou a considerar mais o que ele queria e suas vontades, tornando a relação com os amigos de forma mais vulnerável, colocando a importância de ser sincero e de expor para alguns poucos amigos o quanto algumas questões o atrapalhavam, como por exemplo o fato dele se gabar em passar muito tempo na cama e que na verdade ele hoje enxergava como um problema e que precisava ajuda, tanto que pesquisou mais sobre ir a um médico para ver se tem relação fisiológica com o fato de não conseguir ter o orgasmo.

Tempo depois da realização simbólica, Marcos encarou a possibilidade de conhecer novas pessoas, teve iniciativa de conhecer novas mulheres, sem muita expectativa, apenas por querer conhecê-las e não só para uma satisfação sexual, como ele achava que todo homem precisava ter. Certa sessão concretizamos um momento do

livro que ele tinha entre a namorada. Em se falando de concretização, Monteiro (1998) aponta como uma possibilidade de tornar algo simbólico em concreto, possibilitando que pensamentos e sensações possam ser expressados através da fala e, que a partir daí, novos significados podem ser explorados.

Ao se pensar nas responsabilidades que começou a encarar das suas escolhas, Marcos trouxe a reflexão de um livro que ele pudesse escrever sobre sua história em meio a todos esses questionamentos que ele tem vivenciado na psicoterapia. Foi assim questionado sobre qual seria o título que ele daria para o livro, e ele colocou como título do livro “Do céu ao inferno, saúde mental é o mais importante”. Relatou que o livro era para encorajar as pessoas, tinham temas de autoajuda, carência afetiva, novas situações e suporte individual. A história iria tratar sobre um jovem que tenta buscar ajuda tendo que lembrar sobre coisas dolorosas que o aconteceram e que no decorrer, descobre que tudo na vida são ciclos, mas que cuidar da saúde mental, da saúde física, ter amigos e profissionais da psicologia no processo, eram fundamentais para que não adoecesse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do que se espera do homem na atualidade traz consigo uma série de possibilidades de adoecimento, ficando claro assim o quanto Marcos trouxe em sua história de vida, diversas situações que o mostravam o quanto o papel “masculino” que é imposto, sobre a responsabilidade e cumprimento por parte do homem, o estavam adoecendo.

Mostrando que o homem é um ser temporal e que sofre influência da sua cultura em que está inserido, o processo de Marcos é um processo que entrelaça o pessoal e o individual, mas também o coletivo e o universal, em que homens são muitas vezes

questionados sobre sua “masculinidade” e “fragilidade” como fatores predeterminantes da sua autoestima, das suas relações com os outros e consigo mesmo.

Diante de todo o exposto, percebeu-se que as técnicas do psicodrama utilizadas, foram possíveis como forma de trazer uma reflexão mais profunda sobre seus sentimentos e pensamentos relacionados à cobrança que tinha consigo mesmo sobre um papel pré-estabelecido do que significa ser homem. E que a partir daí foi possível dispor de um ambiente de diálogo consigo mesmo e até de poder trazer questões que o próprio paciente achava que não poderia falar, por achar que ali poderia ser um ambiente que ele pudesse ser julgado.

Marcos foi capaz de identificar aquilo que o trazia angústia e os parâmetros que estavam sendo levados em consideração para desencadear uma série de sofrimentos, podendo identificar e dizer o que para ele fazia sentido e o que precisava ser deixado. Foi uma forma de aprender a lidar consigo mesmo, com suas relações e assim também se responsabilizar das suas escolhas e de trabalhar a autonomia para que pudesse agir de forma cada vez mais espontânea, dando as respostas adequadas que para ele eram possíveis hoje, no aqui-e-agora.

REFERÊNCIAS

Amato, M. A. P. (2002). A poética do psicodrama: o grupo autodirigido e a dinâmica da cena. São Paulo: Aleph.

Beauvoir, S. (2009). O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bustos, D. M. (2003). Manual para um homem perdido. Rio de Janeiro: Record.

_____. (1990). Perigo... Amor à Vista! Drama e psicodrama de casais. São Paulo: Aleph.

Cukier, R. (2018). Psicodrama bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente. São Paulo: Ágora.

Fonseca, J. (2010). Psicoterapia da relação: elementos de psicodrama contemporâneo. São Paulo: Ágora.

Ministério da saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Recuperado em 19 outubro 2021.

Monteiro, R. F. (1998). Técnicas fundamentais do psicodrama. São Paulo: Ágora.

Moreno, J. L. (1975). Psicodrama. São Paulo: Cultrix.

_____. (2020) Sociometria, método experimental e a ciência da sociedade: abordagem para uma nova orientação política. São Paulo: Febrap.

Nery, M. D. P. (2003). Vínculo e afetividade: caminhos das relações humanas. São Paulo: Ágora.

Nigro, I. S., & Baracat, J. (2018). Masculinidade: preciosa como diamante, frágil como cristal. Revista Científica Eletrônica de Psicologia: Olhares da psicologia sobre questões da atualidade, Garças, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 4-19.